

OS GENOVESES, DINHEIRO E GUERRA

Por Giuseppe Gagliano*



Fortaleza genovesa em Sudak, na Crimeia (Qypchak/Wikimedia Commons).

A história de Gênova mostra como o capital influencia a política e a guerra, e como a dinâmica financeira moldou a evolução histórica, o colonialismo e o comércio global.

O financiamento de guerra sempre foi um problema histórico complexo. Durante os períodos de conflito, os impostos chegam lentamente, muitas vezes afetados pelas variações das colheitas. Contudo, a guerra exige respostas rápidas e fundos imediatos para armar, alimentar, alojar e, acima de tudo, pagar rapidamente os soldados. Este aspecto já era evidente em 241 a.C, quando mercenários não remunerados de Cartago saquearam a cidade. Um episódio semelhante ocorreu em 1576, quando os mercenários não remunerados de Filipe II da Espanha saquearam Antuérpia, então parte do Império Espanhol.

Esta necessidade de financiamento rápido levou à evolução do conceito de guerra “a crédito”. Os governos preferiram continuar endividados com os banqueiros em vez de com os soldados armados. Esta prática tornou-se ainda mais relevante com a “revolução militar” do século XV, que assistiu a um aumento drástico no tamanho dos exércitos. Por exemplo, a Espanha passou de cerca de 20 mil soldados em 1470 para 200 mil um século depois. Os custos aumentaram em paralelo, especialmente com a introdução de novas armas, como canhões, cuja produção e uso eram extremamente caros.

As fortificações e as defesas urbanas em toda a Europa foram renovadas com grandes custos, como evidenciado pelo exemplo da rainha Elizabeth I, que gastou 130.000 libras, metade da receita anual da coroa, para modernizar a fortaleza de

Berwick-upon-Tweed. A capacidade de um império de pedir dinheiro emprestado tornou-se um fator crucial na guerra moderna, com impérios falidos destinados ao declínio, como demonstrado pela queda da União Soviética na década de 1980.

No século XVI, a prática de os reis pedirem dinheiro emprestado para financiar guerras tornou-se comum. Um exemplo importante é Carlos V da Espanha, que se tornou rei em 1516 e posteriormente Sacro Imperador Romano em 1519. Abandonou os banqueiros da Europa Central em favor dos genoveses, que financiaram as suas guerras em troca de dinheiro americano. Isto levou a uma relação duradoura entre o crédito e a gestão global do poder.

Famílias bancárias genovesas como os Centuriones, os Pallavicinos, os Spinolas e os Grimaldis tornaram-se influentes na política e na economia espanhola. No entanto, Carlos V não compreendeu completamente que o poder militar por si só era limitado em um contexto capitalista. Sua campanha contra Metz em 1552 custou enormemente, deixando o seu filho Filipe II com uma dívida pesada. Filipe declarou falência em 1557, mas isso não impediu o acúmulo de dívidas.

No século XVII, a Espanha dedicou até dois terços de seu orçamento às despesas militares. As receitas fiscais aumentaram significativamente, mas não o suficiente para compensar o aumento dos custos militares. Entretanto, a República Holandesa emergiu como uma superpotência do século XVII, explorando sua forte economia industrial e comercial para ultrapassar a Espanha, que entrou em uma longa fase de estagnação.

Em particular, a República de Gênova desempenhou um papel importante no apoio ao Império Espanhol.

Em meados do século XV, a Europa começou a se recuperar do século e meio de doenças, guerra e fome que começou em 1315. Em 1453, o Império Romano do Oriente caiu com a captura de Constantinopla pelos turcos, enquanto a Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra terminou. Nascimento significativo ocorreram durante este período: Colombo em 1451 e os seus futuros patronos Isabel e Fernando em 1452. Johannes Gutenberg iniciou a distribuição de suas bíblias impressas e o cultivo do açúcar criou raízes na Ilha da Madeira.

O ano de 1454 viu o fim da “Guerra dos Cem Anos Italiana” com a Paz de Lodi, envolvendo Veneza, Gênova, Florença e Milão. A República de Gênova era a mais fraca destas potências, assemelhando-se mais a uma *holding* transnacional do que a um império. No entanto, em 1298 suas receitas fiscais excediam as da França e sua população era maior do que a de Londres. Entre 1413 e 1453, Gênova foi abalada por 14 revoluções, resultantes do conflito entre a aristocracia e a alta burguesia, luta financeira que continuou até 1528, quando Andrea Doria reescreveu a constituição da república, consolidando o poder da aristocracia.

As possessões genovesas no exterior foram administradas pelo município e as dívidas da cidade aumentaram devido à expansão otomana e à competição veneziana. Em 1407, a Casa delle Compere e dei Banchi di San Giorgio foi fundada por credores aristocráticos do município. No espaço de um ano, este banco negociou com a comuna o controle do território para pagar dívidas, adquirindo

territórios como Lerici em 1479, Córsega em 1482 e Sarzana em 1484 como garantia e pagamento de juros.

Os mercadores genoveses buscaram formas de saldar as dívidas da cidade, inclusive por meio da organização de uma loteria estadual em 1417. Além disso, a cidade utilizou o Santo Graal (Sacro Catino), trazido de volta a Gênova por Guglielmo Embriaco em 1101 no final do primeiro cruzada, como instrumento financeiro. Em 1319 foi penhorado pelo cardeal Niccolo Fieschi para pagar ao banco. A cidade também praticava o comércio de escravos, atividade muito lucrativa.

A Casa di San Giorgio, que se tornou a única fonte de crédito do município, por vezes funcionou como banco central exclusivo de Gênova. As insurgências de mercadores e proletários, contudo, enfraqueceram periodicamente o controle da Casa sobre a comuna. O município enfrentou os credores negociando descontos no reembolso de títulos, promovendo um mercado secundário de títulos e ganhando legitimidade para estas ações do Papa Calisto III em 1456.

Os genoveses eram adeptos da oferta de linhas de crédito a juros baixos até o século XVIII. Financiaram as aventuras coloniais da Espanha e se beneficiaram delas. Seguindo seus passos, surgiram outras instituições bancárias em Amsterdã, Londres e Estados Unidos. A história de Gênova é significativa para a compreensão do dinheiro e da natureza do lucro e do financiamento colonial.

No século XV, o comércio genovês diminuiu devido à longa depressão e às derrotas militares contra os venezianos e os turcos. O estreito interior da cidade obrigava os armadores a importar madeira. As derrotas e os constrangimentos geográficos empurraram Gênova para Espanha e Portugal, ganhando no Atlântico o que havia perdido no Mediterrâneo Oriental. Os mercadores genoveses estabeleceram-se em cidades como Córdoba, Sevilha e Cádiz, tornando-se ativos em vários setores como seda, açúcar, azeite, trigo e corantes. Os genoveses rapidamente assumiram o controle do comércio de lã, o principal produto de exportação de Castela.

Embora fossem comerciantes qualificados, foi através do financiamento da guerra que os genoveses tiveram um impacto significativo em nível global. Suas ligações com as aristocracias europeias permitiram-lhes acesso a fundos a juros baixos, tornando-se mestres do dinheiro barato. Esta competência se manifestou sobretudo no financiamento das aventuras coloniais da Espanha, das quais obtiveram grandes lucros.

* * * * *

A história de Gênova é essencial para a compreensão de muitos aspectos-chave do dinheiro, incluindo a natureza do lucro e do financiamento colonial. Na verdade, mostra como Gênova desempenhou um papel na exportação de violência para o Novo Mundo graças ao seu envolvimento financeiro.

Os financiadores genoveses foram movidos pela necessidade de novas oportunidades de negócios e novos mercados, na sequência do declínio das atividades comerciais no Mediterrâneo Oriental e das restrições geográficas. Sua

expansão em direção ao Atlântico abriu novas rotas de comércio e financiamento, mais do que compensando as perdas sofridas no Mediterrâneo.

Assim, a história de Gênova não é apenas um exemplo de como o capital pode influenciar a política e a guerra, mas também de como a dinâmica financeira moldou a evolução histórica, o colonialismo e o comércio global.

Publicado no [Cf2R](#).

****Giuseppe Gagliano** é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*
